

Arqueologia da morte entre os séculos III e XIII na cidade de Lisboa

The archaeology of the death in Lisbon between the 3rd and the 13th centuries



Filipa Dimas^{1a*}, Sílvia Casimiro^{1,2b}

Resumo A investigação sobre o mundo funerário em contexto urbano, é limitada pela constante reutilização do espaço ao longo do tempo, bem como, pelos constrangimentos inerentes ao desenvolvimento de trabalhos arqueológicos em espaços urbanizados, o que dificulta uma leitura arqueológica das realidades envolvidas. Neste estudo exploram-se as dinâmicas da implantação dos contextos funerários do período compreendido entre os séculos III e XIII, no atual concelho de Lisboa onde, nos últimos anos, a arqueologia preventiva tem colocado a descoberto novas realidades. Para o efeito, foi desenvolvido um levantamento dos sítios tendo por base o Endovélico,

Abstract The research about the urban funerary world is limited by the constant reuse of space over time, as well as by the constraints inherent to the development of archaeological works in urbanized areas, making difficult to read the archaeological realities involved. This study explores the implementation dynamic of the burial grounds, between the 3rd and 13th centuries in Lisbon municipality where, in recent years, preventive archaeology has uncovered new realities. For this purpose, a survey of the sites was developed based on the Endovélico, using chrono-spatial criteria, along with bibliographic and documentary sources. The GeoPortal was

¹ Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

² Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

* Autor correspondente/Corresponding author: filipadimas04@gmail.com

^aorcid:0000-0002-2473-9825, ^borcid:0000-0001-9077-2108

recorrendo a critérios crono-espaciais, a par com fontes bibliográficas e documentais. O GeoPortal, foi essencial para a localização e inventariação dos 34 sítios, posteriormente mapeados com o software Quantum GIS. Pretende-se contribuir para o preenchimento de lacunas no conhecimento sobre a paisagem funerária no período compreendido entre o declínio da administração romana e a implementação de cemitérios paroquiais e, consequentemente, atendendo à separação do mundo dos mortos, do mundo dos vivos, para uma melhor leitura do urbanismo da cidade.

Palavras-chave: Espaços funerários; SIG; Lisboa Romana; Lisboa Medieval.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo explorar a transição da implantação dos contextos funerários, no período compreendido entre o declínio da administração romana e a implementação de cemitérios paroquiais, na área que compreende o atual concelho de Lisboa. Nas últimas décadas, este concelho tem sido palco de um grande número de intervenções arqueológicas de cariz preventivo que, apesar das limitações de tempo e de área intervencionada que influenciam, não apenas a preservação, mas também o estudo destes contextos, têm reunido novos elementos para a investigação da transformação da paisagem tardo-romana e medieval, nomeadamente, no que concerne ao mundo funerário.

essential for locating and inventorying the 34 sites, later mapped with the Quantum GIS software. It is intended to contribute to fill in some gaps in the knowledge about the funerary landscape in the period between the decline of the Roman administration and the creation of parish cemeteries and, consequently, considering the separation of the world of the dead from the world of the living, for a better understanding of the city urbanism.

Keywords: Burial grounds; GIS; Roman Lisbon; Medieval Lisbon.

Os dados aqui apresentados foram reunidos no âmbito da dissertação de mestrado em Arqueologia da primeira autora “Análise Espacial dos Espaços Funerários Medievais em Lisboa entre os séculos V e XIII”, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A ocupação tardo-romana da cidade é acompanhada por um conjunto de transformações, nomeadamente, o amuralhamento defensivo da cidade, o abandono de estruturas como o teatro e o sistema viário, conduzindo à apropriação de alguns espaços para fins privados (Silva, 1999: 47-48).

Os vestígios funerários inseríveis no período compreendido entre os séculos V e VIII são, substancialmente, mais escassos. Entre estes, para além das sepulturas,

destacam-se os epigráficos e alguns elementos arquitetónicos, que surgem associados à antiga Igreja de São Mamede e aos mosteiros periurbanos de Chelas e Santos-o-Velho (Fernandes e Fernandes, 2021). Quanto a fontes históricas, o panorama não é muito diferente, destacando-se a Crónica de Idácio de Chaves, que menciona a entrega da cidade aos suevos, entre 468 ou 469 d.C., pelo último governador romano (Fernandes, 2020: 141), bem como, a tomada da cidade pelas forças visigodas, possivelmente em 469 d.C. (Fernandes, 2020: 144).

A partir do século VIII verifica-se a presença muçulmana na cidade. Assume-se que a mesma terá sido subjugada através de um pacto que, em troca de um tributo, concedia uma certa autonomia política e religiosa (Trindade, 2019: 46). Os vestígios arqueológicos referentes a este período são poucos, registando-se alguns elementos arquitetónicos cristãos, integrados num longo intervalo cronológico - séculos IV/VI - IX/XI (Fernandes e Fernandes, 2014). No século X, registam-se algumas notícias de ataques à cidade, um liderado pelas tropas de Ordonho X em 953 e, outro por parte de uma frota viking em 966 (Coelho, 1994: 84; Pires, 2017: 83-84).

Durante este período verifica-se na cidade a presença de olarias na Rua Augusta e no Mandarim Chinês (Bugalhão e Folgado, 2001: 124), de espaços habitacionais nos Claustros da Sé e na Encosta de Sant'Ana (Calado e Leitão, 2005; Gaspar e Gomes, 2016), de uma possível mesquita (Caessa et al., 2018) e

uma epígrafe, datada de 985, associada a uma campanha de obras na cidade, por ordem de Almansor (Barceló, 2013).

A instabilidade política muçulmana resultante do colapso do califado, conduz à integração de Lisboa nos reinos de taifas, nomeadamente, na taifa de Badajoz até cerca de 1093, momento em que a cidade é entregue a Afonso VI (Mattoso, 1997: 496; Silva, 2017: 176). Os vestígios arqueológicos atribuíveis a este período, abrangem o Castelejo, a Alcáçova e um bairro islâmico no Castelo de São Jorge (Gomes et al., 2003), um edifício público (possivelmente) associado à Mesquita Maior (Gaspar e Gomes, 2016) e outros associados a áreas habitacionais (Gomes e Sequeira, 2001; Bugalhão, 2009; Filipe et al., 2015; Silva, 2017: 189). Entre 1111 e a conquista cristã da cidade, em 1147, Lisboa terá permanecido sob o domínio almorávida (Silva, 2017: 198).

A presença cristã na cidade beneficia de um conjunto mais alargado de fontes, tais como, o *De Expugnatione Lyxbonensi* (A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado; Nascimento, 2018), a *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa* de D. Rodrigo de Cunha (1642), o Inventário de Compras de São Vicente de Fora (séc. XIII), entre outras, que remetem para o número de freguesias e paróquias existentes na cidade (Farelo, 2006; Silva, 2017). Os vestígios arqueológicos apontam para o abandono de estruturas habitacionais islâmicas entre os séculos XII-XIII/XIV (Gaspar e Gomes, 2001: 1999; Silva, 2009; Silva, 2017: 212).

Os Contextos funerários da Lisboa Romana e Medieval

As primeiras referências a vestígios arqueológicos romanos de cariz funerário no concelho de Lisboa, surgem na transição do século XIX para o século XX, na revista *O Arqueólogo Português* (Vasconcelos, 1896; 1900; 1902). Estas referem-se a elementos epigráficos e vestígios osteológicos identificados na zona de Entrecampos (Campos, 1904: 60). Até à segunda metade do século XX surgem mais notícias sobre a identificação destes contextos - no Palácio do Conde de Portalegre (Pereira, 1924: 185), na Calçada da Cruz da Pedra (Castilho, 1935: 117) e na Calçada do Garcia (Castilho, 1935: 173). Em 1944, Augusto Vieira da Silva compila, num único volume, a sua leitura e tradução de elementos epigráficos romanos registados na cidade (Silva, 1944a) e no mesmo ano publica um texto sobre os vestígios identificados em Poço de Cortes (Silva, 1944b). Na década de sessenta, Irisalva Moita identifica na Praça da Figueira, uma extensa necrópole romana (Moita, 1968). Na última década do século XX, registaram-se duas intervenções em espaços funerários romanos: a intervenção na Praça da Figueira, desenvolvida no âmbito da construção de um parque de estacionamento subterrâneo, que revelou um extenso conjunto de espólio, ao qual se junta o previamente recolhido por Irisalva Moita (Silva, 2012: 74-76), bem como, uma necrópole romana republicana identificada na Rua dos Correeiros (Bu-

galhão et al., 2013). No século XXI, com o aumento das intervenções arqueológicas de cariz preventivo, cresce também o número de contextos funerários romanos identificados na cidade (Gonçalves et al., 2010; Sarrazola, 2014; Pinheiro e Neto, 2019; Rebelo e Brito, 2019; Cabaço et al., 2021; Fernandes e Neto, 2021; Peça et al., 2021; Vieira et al., 2021).

Para o estudo dos contextos funerários inseridos entre os séculos V-VIII na cidade, deparamo-nos com um menor volume de informação. Contudo, nos últimos anos, este volume tem vindo a crescer, por um lado, pelo aumento das intervenções arqueológicas na cidade e, por outro, pelo estudo de materiais em depósito, provenientes de escavações antigas (Casimiro e Silva, 2013; Silva e De Man, 2015; Casimiro et al., 2016; Filipe e Santos, 2017; Alves-Cardoso et al., 2021; Casimiro et al., 2021b; 2021c; Silva, 2021a; Silva et al., 2021).

Relativamente à cidade islâmica, destacam-se as intervenções arqueológicas realizadas no Castelo de São Jorge, entre 1996 e 2007, resultando na identificação de uma área de necrópole no interior do espaço muralhado do castelo (Gomes e Gaspar, 2013: 402). Destaque, também, para as intervenções de cariz preventivo na encosta de S. Vicente, evidenciando a presença da necrópole oriental islâmica da cidade (Filipe et al., 2020).

No que concerne ao panorama medieval cristão, uma vez mais, o conhecimento é escasso, principalmente até ao século XXI. Os trabalhos arqueológicos

realizados no Mosteiro de São Vicente de Fora, desde a década de setenta até ao século XXI, resultaram em algumas publicações, inclusive sobre os contextos funerários ali identificados (Ferreira, 1983; Cunha e Ferreira, 1998). Na primeira década do século XXI, são poucos os estudos dedicados a esta temática, destacando-se a síntese dos vestígios funerários em espaços religiosos na cidade de Lisboa, entre os séculos XII-XV (Nunes, 2010).

Materiais e metodologia

A seleção de dados foi realizada através da consulta de bases de dados de cariz arqueológico, nomeadamente o *Endovélico* e o website do projeto *Lisboa Romana*. Optou-se por não desenvolver uma análise muito pormenorizada no que respeita às realidades prévias ao século III d. C., por se tratar de uma realidade com alguns contrastes em termos de rituais funerários, e porque este artigo se foca, principalmente nos contextos tardo-romanos e medievais. No que concerne aos vestígios medievais, optou-se por descartar aqueles que são atribuíveis ao século XIII em diante, exceto os casos que apresentam uma diacronia de ocupação mais extensa (desde o século XII-XIX).

Os vestígios foram mapeados através do *QuantumGIS (QGIS)*, recorrendo-se ao *GeoPortal* e ao *Google Maps*. Os dados arqueológicos inseridos no QGIS foram trabalhados em formato vetorial criando-se, para o efeito, uma base de dados, com os seguintes campos: *Nº*;

Sítio; *Freguesia*; *Longitude*; *Latitude*; *X*; *Y*; *Cronologia*; *Período*; *Associação Espacial*; *Ritual*. Da mesma forma, procedeu-se ao levantamento de dados geográficos e de cariz administrativo sobre as freguesias disponíveis na plataforma de dados abertos *Lisboa Aberta/Geodados* da Câmara Municipal de Lisboa.

Resultados

Necrópoles Romanas/Tardo-Romanas

Relativamente às necrópoles romanas e tardo-romanas, verifica-se que alguns sítios integravam o mesmo contexto funerário, como é o caso da Necrópole Noroeste de Olisipo – foram intervencionados cinco sítios que consistem em núcleos desta necrópole: Praça da Figueira (n.º 2), Calçada do Lavra (n.º 3), Encosta de Sant’Ana/ TJP (n.º 4), Largo S. Domingos (n.º 7), Rua Portas de Santo Antão (n.º 8), e Rua de Santa Marta, n.º 32-34¹. O núcleo da Praça da Figueira apresenta uma maior diacronia de ocupação como espaço funerário (tratando-se também de uma intervenção mais ampla) – desde meados do século I d.C. até ao início do século V d.C., tendo coexistido ambos os rituais (cremação e inumação; Silva, 2005: 44). Também na Calçada do Lavra, que se insere entre os séculos II-III d.C., foram

¹ Sítio não incluído na base de dados, uma vez que não lhe foi atribuída cronologia (Fernandes e Neto, 2021). Mais recentemente, no nº 30A da mesma rua, foram identificadas três inumações que apontam para o século III.

registados ambos os rituais, com a particularidade de a maioria dos inumados se tratar de não-adultos (Peça et al., 2021: 76-78). No Martim Moniz, foi identificado outro troço da necrópole, na Encosta de Sant'Ana, destacando-se as cremações inseridas no século I d.C. e duas inumações do século III d.C. (Duarte et al., 2021: 88, 91). O contexto identificado no Largo de São Domingos, no século XIX, seria composto por sepulturas de inumação e elementos epigráficos que parecem remeter para os séculos II a IV d.C. (Silva, 2021b: 68). Por fim, na Rua das Portas de Santo Antão, contrariamente aos outros núcleos onde coexistiam ambos os rituais, apenas se registaram sepulturas de inumação datadas do século III d.C. (Cabaço et al., 2021) contudo, importa atender à reduzida dimensão da área intervencionada.

No século XIX, no lado oriental da cidade, na Calçada da Cruz da Pedra (n.º 1) foram identificadas várias sepulturas de cremação atribuídas, com algumas reservas, aos séculos I a III d.C. (Castilho, 1935: 117; CAL, 2020). No Campo de Santa Clara, na Rua do Paraíso (n.º 6), foram identificados dois monumentos funerários, um do tipo *columbarium* que terá sido utilizado entre finais do século I d.C. e o século II d. C., e um *tumulus* para cremações do tipo *bustum*, atribuído ao período compreendido entre o século I d.C. e o início do III d.C. É provável que estes achados integrem a Necrópole Sudeste de Olisipo (Vieira et al., 2021).

Ainda no centro histórico da cidade, em Alfama, na Rua de São Miguel 43/Beco

da Cardoso (n.º 5), foram registados vestígios funerários dispersos, nomeadamente, uma sepultura de cremação cujo espólio se enquadra nos séculos II-III d.C. (Silva, 2021d: 123). Nas suas proximidades, na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (n.º 9), foi identificada uma sepultura de inumação do século III d.C. (Silva, 2021d: 125).

Nos arredores da cidade, nomeadamente na freguesia de Alcântara, no sítio da Tapada da Ajuda / Alto da Casa Branca (n.º 11) foram identificadas duas sepulturas de inumação dos séculos III/IV d.C., onde foram inumados três indivíduos adultos e dois não-adultos (Loja et al., 2018). No lado oriental da cidade, destaca-se também a presença do que aparenta tratar-se de uma necrópole rural - Poço de Cortes (n.º 12) – identificada em 1944. Foi registada uma cripta escavada em argila e, ainda, uma sepultura de inumação e inscrições funerárias (Silva, 1944b). Cronologicamente, o sítio insere-se no período que compreende o século I d.C. e o III d.C. ou, no limite, inícios do século IV d.C. (Nozes, 2019). A 200 metros deste local, na década de sessenta, foi identificada uma sepultura de inumação – Olivais Sul (n.º 15) – associada a um casal agrícola ou *villa* (Cardoso, 2019: 7).

Necrópoles Alto-Medievais

Com o abandono da Necrópole, na Praça da Figueira (n.º 17), o espaço assume um carácter mais rural, marcado pela presença de uma unidade agrária, momento em que se regista a presença

de quatro enterramentos de não-adultos que terão ocorrido entre os séculos V-VI d.C. (Casimiro et al., 2016: 49).

Nos quarteirões da Baixa Pombalina, onde antes funcionavam unidades de preparados de peixe, registam-se quatro núcleos funerários atribuíveis à Alta Idade Média/Tardo-antiguidade. Na década de noventa, durante as intervenções realizadas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (n. °18), foi identificada uma sepultura de inumação de um indivíduo adulto, nos níveis de abandono de um tanque de preparado de salga, sendo atribuído ao amplo período que compreende os séculos V e IX (Bugalhão, 2001: 161-162). Cenário idêntico registou-se na Rua da Prata (n. °21), onde se verificou a presença de cinco inumações primárias, nos níveis de abandono de um tanque de salga. Estas sepulturas enquadram-se nos séculos V-VI d.C. (Casimiro et al., 2021b: 121). Ainda nas proximidades, nas ruas dos Douradores e de São Nicolau (n. °19) em 1997, foram identificados os sepultamentos de quatro indivíduos não-adultos sobre um nível de lixeira do século V d.C., situando-os por volta do século VI d.C. Nas imediações - Corpus Christi (n. °20) - foram identificadas as inumações de dois adultos e três não-adultos, nas mesmas circunstâncias e com a mesma cronologia (Casimiro et al., 2021c: 120).

Em 1992, junto à encosta do Castelo, no Palácio dos Condes de Penafiel (n. °16) foi identificada uma sepultura isolada, atribuída a finais do século IV - inícios do V d.C. (Silva, 2021c: 117). Em Alfama, na Rua

da Adiça (n. °22), num extinto espaço termal que terá funcionado entre os séculos I a IV d.C., foi identificada a inumação de um indivíduo jovem. O aproveitamento do espaço termal como espaço de enterramento, terá ocorrido entre os séculos V-VII (Filipe e Santos, 2017: 249, 252).

Necrópoles Medievais Islâmicas

As evidências que compõem este grupo localizam-se, maioritariamente, na colina do castelo e no patamar superior do lado oriental da cidade. No interior do Castelo foram identificados dois espaços funerários: a necrópole do Palácio das Cozinhas (n. °24) e a necrópole da Praça Nova (n. °25) contudo, os dados são mais expressivos para a última. O espaço cemiterial seguia os preceitos islâmicos, apesar de se encontrar no interior da cidade. Em uma das sepulturas foram identificados dois fragmentos de estelas do período almorávida. No que respeita à etiologia do espaço, foram avançadas algumas hipóteses. Uma, sugere a sua associação ao cerco de 1147, e a necessidade de encontrar espaços de enterramento para o descarte de cadáveres (Gomes e Gaspar, 2013: 402). Outra aponta para uma área cemiterial destinada à elite governativa da cidade (Silva, 2017: 190). A população inumada na Praça Nova apresentava uma maior proporção de não-adultos (14) em detrimento dos indivíduos adultos (dois), contrariamente ao Palácio das Cozinhas que, apesar de mais equilibrado, os adultos estavam mais representados

(12 adultos e nove não-adultos; Toso et al., 2019). Na Rua Espírito Santo (n.º29) foi identificado um enterramento que poderia relacionar-se com a presença islâmica na cidade, ou com o início do estabelecimento cristão anterior ao século XIV. Contudo, o contexto foi amplamente afetado por uma construção do século XV, impossibilitando a recuperação integral do mesmo (Gaspar e Gomes, 1997).

No patamar superior do arrabalde oriental foram identificados três núcleos cemiteriais que integrariam a necrópole oriental islâmica da cidade: Calçadinha do Tijolo (n.º26), Largo Santa Marinha (n.º27), e Largo do Sequeira/Palácio Santa Helena (n.º28). A cronologia é difícil de precisar, estando balizada entre os séculos VIII e XII (Filipe et al., 2020; Toso et al., 2019; 2021). Estes núcleos poderão integrar as *maqbaras* da encosta de São Vicente e da Graça (Torres, 1995: 431-432; Filipe et al., 2017: 346).

O último sítio desta categoria insere-se na freguesia do Lumiar (n.º23). Foram identificados três enterramentos de indivíduos adultos (dois do sexo masculino e um do sexo feminino). As análises de radiocarbono desenvolvidas a partir de um dos indivíduos permitiram datar o contexto do século X (Casimiro et al., 2021a).

Espaços do Medieval Pleno

Os espaços funerários dos séculos XII-XIII correspondem, maioritariamente, a cemitérios associados a edifícios religiosos. Na Rua do Espírito Santo (n.º30), nas proximidades da necrópole islâmica

identificada no Palácio das Cozinhas foi identificado um cemitério cristão dos séculos XII-XIII. Foram registadas cinco sepulturas e exumados dois indivíduos não-adultos e dois adultos. O espaço foi afetado por silos colmatados entre os séculos XIII e XIV, e por um edifício do século XIX (Filipe et al., 2013: 9-10).

No arrabalde oriental, na imediação da necrópole islâmica oriental, localiza-se o Mosteiro de São Vicente de Fora (n.º31), cujo espaço foi intervencionado desde a década de setenta. A *Notícia da Fundação do Mosteiro de São Vicente de Lisboa (Indiculum Foundationis Monasterii Beati Vlixbone)*, refere a sua fundação em 1147, bem como, o sepultamento dos cruzados teutónicos no espaço que antecedeu ao mosteiro (Nascimento, 2018). Neste local foi identificado um carneiro com 7 metros de comprimento e 2,5 metros de altura, registando-se nas primeiras unidades um elevado número de material osteológico em desconexão anatómica, restos de têxteis e numismas. O contexto foi datado dos séculos XII a XVIII. Segundo os autores, este espaço teria resultado de “... uma súbita necessidade de esvaziar as actuais sepulturas do convento e do cemitério contíguo, talvez para proceder ao enterramento das vítimas do terramoto de 1755.” (Cunha e Ferreira, 1998: 36-37). Nas unidades mais antigas foram identificados dois momentos. Um primeiro onde se registaram sete sepulturas e uma moeda de D. Sancho I (1185-1211), associados ao cemitério afonsino em utilização até ao século XIV. O mo-

mento mais antigo, relacionar-se-ia com a necrópole cristã reutilizada para sepultamento dos cruzados, cujas análises de radiocarbono remeteram para o século XII (Cunha e Ferreira, 1998: 36-38, 73).

Junto ao espaço envolvente da Sé, destacam-se três sítios: Igreja de São Martinho (n.º34), Sé (n.º35) e Cruzes da Sé (n.º36). No primeiro, entre a Rua da Saudade e o Largo de São Martinho, para além dos vestígios da antiga igreja, foram identificados enterramentos associados ao espaço religioso. A ausência de espólio e o mau estado de conservação do material osteológico, não permitiu datar os enterramentos, que se enquadram no período que decorre entre a fundação da igreja paroquial no século XII, e a sua demolição no século XIX (Brazuna e Antunes-Ferreira, 2008: 57-60). Sobre o conjunto identificado na Sé, o desconhecimento é ainda maior. Durante intervenções realizadas na primeira metade do século XX, no adro pombalino, foi identificado um conjunto de sepulturas medievais do século XII, porém, sem vestígios osteológicos (Castilho, 1936: 40; Barroca, 2000: 574-576). Na sua proximidade, nas Cruzes da Sé, foi identificado um cemitério. À semelhança do caso da Sé, a informação é escassa: foram identificadas estelas funerárias medievais, e exumados cerca de 70 enterramentos que podem inserir-se no longo período que decorre entre a segunda metade do século XII e 1755, com probabilidade de se relacionarem com o espaço funerário identificado na Sé (Boaventura, 2016; Silva, 2017: 112).

Discussão

No total foram inventariados 34 sítios, e contabilizados 36 vestígios, sendo que metade são atribuídos ao período tardo-romano. Relativamente aos restantes períodos, contabilizam-se sete sítios para cada um (Tabela 1).

Os resultados obtidos refletem uma maior concentração de sítios no centro histórico de Lisboa – um espaço bastante reduzido quando comparado com a área total do concelho – observando-se uma grande concentração na freguesia de Santa Maria Maior (23 sítios), seguida pela freguesia de São Vicente (seis sítios), e as restantes – Misericórdia, Santo António, Alcântara, Marvila, Olivais e Lumiar – a registar uma escassa presença de vestígios (Figura 1).

O grupo romano/tardo-romano, apresenta uma maior dispersão de vestígios, identificado em sete de 24 freguesias do concelho (Figura 1). Todos os sítios se localizam extramuros, conforme ditam as leis romanas. No que respeita aos rituais funerários verifica-se que, inicialmente, há uma coexistência dos rituais de cremação e inumação, é o caso da Praça da Figueira, da Calçada do Lavra e da Encosta de Sant’Ana, pelo menos até finais do século III a inícios do IV d.C., momento em que a inumação se torna o ritual funerário por excelência. Relativamente aos enterramentos dos séculos III e IV d. C., registam-se alguns vestígios – Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, Rua do Passadiço, Palácio Conde Barão e

Tabela 1. Quadro dos locais inventariados.

Nº	CNS	Sítio	Freguesia	Cronologia	Associação Espacial	Ritual	Referências
1	37476	Calçada da Cruz da Pedra	São Vicente	Século III (?)	Necrópole Oriental de Felicitas Iulia Olisipo	Cremação e Inumação	Castilho, 1935
2	1925	Praça da Figueira	Santa Maria Maior	Meados do século I d. C. - Inícios do século V d. C.	Necrópole Noroeste de Felicitas Iulia Olisipo	Cremação e Inumação	Silva, 2005
3	37440	Calçada do Lavra	Santa Maria Maior	Século II-III d. C.?	Necrópole Noroeste de Felicitas Iulia Olisipo	Cremação e Inumação	Peça et al., 2021
4	16617	Encosta de Santana/Torre do Jogo da Pela (Martim Moniz)	Santa Maria Maior	Século II-III d. C.	Necrópole Noroeste de Felicitas Iulia Olisipo	Cremação e Inumação	Gonçalves et al., 2010
5	39494	Rua de São Miguel n.º 43/ Beco da Cardoso	Santa Maria Maior	Século II-III d. C.?	-	Cremação	Silva, 2021d
6	37337	Rua do Paraíso	São Vicente	Finais do século I d. C. e o século III d. C.	Necrópole Sudeste de Felicitas Iulia Olisipo	Cremação	Vieira et al., 2021
7	6187	Largo de S. Domingos	Santa Maria Maior	Século II-IV d. C.	Necrópole Noroeste de Felicitas Iulia Olisipo	Cremação e Inumação	Silva, 2021b
8	36040	Rua das Portas de Santo Antão, n.º 84 a 90	Santa Maria Maior	Século IV d. C.	Necrópole Noroeste de Felicitas Iulia Olisipo	Inumação	Cabaço et al., 2017
9	15643	Fundação Ricardo Espírito Santo Silva	Santa Maria Maior	Século III d. C.	-	Inumação	Silva, 2014
10	34776	Rua do Passadiço, n.º 26 a 30	Santo António	Século III-IV d. C. (provavelmente)	-	Inumação	Sarrazola, 2014
11	3340	Tapada da Ajuda/ Alto da Casa Branca	Alcântara	Século III-IV d. C.	Necrópole rural	Cremação e Inumação	Loja et al., 2018
12	2677	Poço de Cortes	Marvila	Século I d. C. a IV d.	Necrópole rural	Cremação e Inumação	Silva, 1944b; Nozes, 2019
13	36188	Palácio Conde Barão de Alvito - Largo Conde Barão, n.º 43 a 47	Misericórdia	Século III a IV/V d. C.	-	Inumação	Rebello & Brito, 2019
14	37324	Rua da Rosa n.º 51/ 57 e Rua Luz Soriano n.º 44/52	Misericórdia	Século IV d. C.	-	Inumação	Pinheiro & Neto, 2019
15	163	Olivais Sul	Olivais	Século I d. C. a VI d. C.(?)	Necrópole rural	Inumação	Cardoso, 2019
16	19769	Palácio dos Condes de Penafiel	Santa Maria Maior	Século IV d. C. ou V d. C.	-	Inumação	Silva, 2021c
17	1925	Praça da Figueira	Santa Maria Maior	Século V-VI d. C.	-	Inumação	Casimiro et al., 2016
18	1950	Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros	Santa Maria Maior	Século V d. C. (?)	-	Inumação	Bugalhão, 2001

Nº	CNS	Sítio	Freguesia	Cronologia	Associação Espacial	Ritual	Referências
19	13050	Rua dos Douradores/ Rua de São Nicolau	Santa Maria Maior	Século VI d. C.	-	Inumação	Casimiro & Silva, 2013; Casimiro et al., 2021a
20	33581	Corpus Christi	Santa Maria Maior	Século VI d. C.	-	Inumação	Casimiro et al., 2021a
21	35823	Rua da Prata n.º 88-114	Santa Maria Maior	Século V-VI d. C.	-	Inumação	Casimiro et al., 2021b
22	35083	Rua da Adiça, n.º 1 a 3	Santa Maria Maior	Século V-VII d. C.	-	Inumação	Filipe & Santos, 2017
23	-	Rua do Lumiar n.º 75	Lumiar	Século X	-	Inumação	Casimiro et al., 2021c
24	13306	Castelo de São Jorge - Palácio das Cozinhas	Santa Maria Maior	-	-	Inumação	Toso, 2019
25	1101	Castelo de São Jorge - Praça Nova	Santa Maria Maior	Séc. XII	-	Inumação	Gaspar & Gomes, 2013; Toso et al., 2019
26	35347	Calçadinha do Tijolo n.º 37/43	São Vicente	Século VIII-XII (?)	Necrópole islâmica oriental	Inumação	Filipe et al., 2017
27	-	Largo de Santa Marinha	São Vicente	Século VIII-XII (?)	Necrópole islâmica oriental	Inumação	Filipe et al., 2020
28	36335	Largo do Sequeira, n.º 7 a 9 (Palácio de Santa Helena)	São Vicente	Século VIII-XII (?)	Necrópole islâmica oriental	Inumação	Filipe et al., 2020
29	13308	Castelo de São Jorge - Rua do Espírito Santo n.º 16 a 18/ Espírito Santo II	Santa Maria Maior	Anterior ao século XIV	-	Inumação	Gaspar & Gomes 1997
30	-	Castelo de São Jorge - Rua Espírito Santo n.º 31 35	Santa Maria Maior	Século XII-XIII	-	Inumação	Filipe, 2013
31	1453	Mosteiro de São Vicente de Fora	São Vicente	Século XII-XVII	Mosteiro	Inumação	Ferreira, 1983; Cunha e Ferreira 1998
32	16063	Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel	Santa Maria Maior	Século XII-XVII	Igreja	Inumação	Diogo, 1993
33	19769	Palácio dos Condes de Penafiel	Santa Maria Maior	Séc. XII-?	Igreja	Inumação	De Man & Silva, 2016
34	22646	Rua da Saudade/ Largo de São Martinho	Santa Maria Maior	Século XII-XIX	Igreja	Inumação	Brazuna & Antunes-Ferreira, 2008
35	-	Sé	Santa Maria Maior	Século XII	Igreja	Inumação	Castilho, 1936; Silva, 2017
36	36271	Cruzes da Sé	Santa Maria Maior	Século XII-XVIII	-	Inumação	Boaventura, 2016

Rua da Rosa – que não aparentam estar associados a um contexto funerário mais amplo, com exceção do núcleo da Rua das Portas de Santo Antão. Claro que isto poderá dever-se à ausência de intervenções arqueológicas na envolvente. Destaca-se um caso de proximidade, entre os enterramentos situados junto à Porta do Sol, em Alfama - uma sepultura de cremação identificada na Rua de São Miguel, o enterramento tardo-romano registado na Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, e o enterramento da Rua da Adiça, balizado entre os séculos V-VII d.C. Todavia, devido à escassez de dados arqueológicos, não é possível demonstrar uma relação clara, em termos de continuidade espacial (Silva, 2021d). Relativamente à relação com os vestígios tardo-romanos/alto-medievais, não se observa uma continuidade de

utilização do espaço sepulcral. Ambos os grupos apresentam modelos de localização distintos (Figura 2). Relativamente aos vestígios alto-medievais, verifica-se uma concentração de sítios nos quarteirões da Baixa Pombalina, principalmente nos níveis de abandono de unidades de preparados piscícolas, sendo a maioria dos inumados indivíduos não-adultos e jovens.

Os contextos funerários islâmicos são escassos, localizando-se nas freguesias de Santa Maria Maior e São Vicente (Figura 1), observando-se um padrão de implantação em pontos altos da cidade. Apesar dos preceitos islâmicos relativos à localização dos espaços funerários, verificou-se um caso de exceção, em que os enterramentos foram praticados no interior do Castelo. Na freguesia do Lumiar, área periférica da cidade, regista-se a presença de enter-

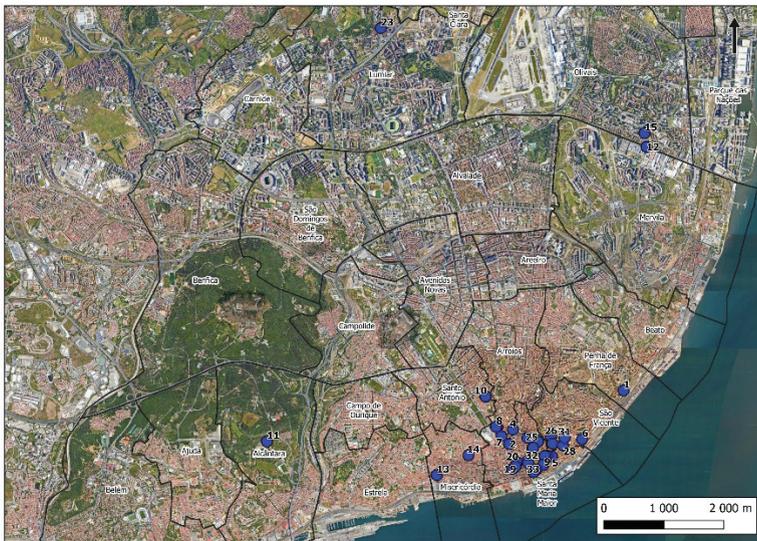


Figura 1. Distribuição dos sítios inventariados por freguesias.

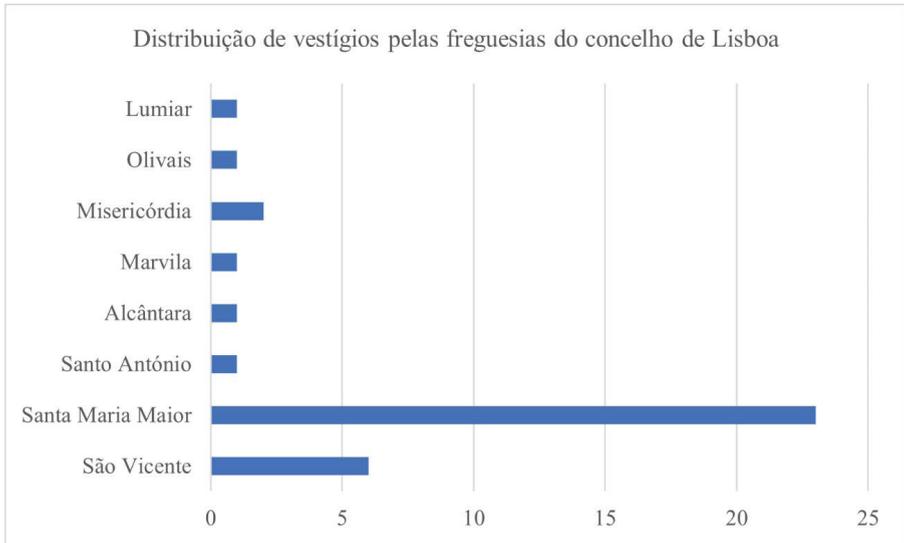


Figura 2. Distribuição de vestígios por freguesias.



Figura 3. Distribuição dos sítios inventariados por grupos cronológicos (Vectorizado a partir de Silva, 2017).

ramentos em contexto rural do século X. Com exceção deste último caso, os dados referentes à cronologia destes espaços são, na sua generalidade, muito escassos. Isto deve-se à ausência de espólio, mas também de análises de radiocarbono. Atendendo à localização destes espaços, no Castelo e no patamar superior do arrabalde oriental, verifica-se um contraste com o cenário anterior (Figura 3).

Os espaços funerários do período Medieval Pleno localizam-se nas freguesias de Santa Maria Maior e São Vicente, apresentando uma maior concentração nas proximidades da Sé, e um caso no arrabalde oriental – Mosteiro de São Vicente de Fora (Figura 1). Estes espaços caracterizam-se pelo uso prolongado no tempo, desde o século XII até aos XVIII/XIX, sendo que a uniformização das práticas funerárias e a ausência de espólio dificultam a tarefa de definir uma cronologia mais precisa. Resultado da escassa informação disponível, registam-se quatro sítios que levantam algumas questões relativamente à utilização do espaço, mas também no que se refere à cronologia – o Palácio dos Condes de Penafiel, a Rua de São Mamede, a Sé e as Cruzes da Sé. Não obstante, é possível associar a maioria destes espaços a templos paroquiais. A análise permite também inferir que não existe qualquer relação entre a localização das necrópoles islâmicas e as necrópoles cristãs da cidade, algo que poderá ser explicado pela diferente forma de conceção de espaço funerário (Figura 3). No primeiro, por norma, no exterior da cidade e, no segundo, associadas a edifícios

de cariz religioso intra e extramuros. Com exceção da proximidade entre a necrópole islâmica do Palácio das Cozinhas com a cristã da Rua Espírito Santo que, eventualmente, poderiam constituir-se como parte do mesmo contexto funerário. Contudo, os dados existentes até ao momento são insuficientes para suportar esta hipótese.

Conclusão

Em suma, pretendeu-se apresentar o estado da investigação no que concerne ao mundo funerário entre os séculos III e XIII, no concelho de Lisboa. O levantamento permitiu inventariar 34 sítios e 36 vestígios localizados numa área circunscrita do concelho. Recorrendo ao mapeamento dos vestígios, através do QGIS, procurou-se explorar as dinâmicas destes espaços, da cidade tardo-antiga para a cidade medieval. Os grupos cronológicos analisados revelam distintos modelos de localização, não se observando padrões de continuidade espacial. Os contextos romanos e tardo-romanos, em maior número, apresentam uma maior dispersão no espaço, demonstrando um distanciamento dos vestígios funerários alto-medievais que, maioritariamente, reaproveitam antigas estruturas romanas. As necrópoles islâmicas parecem implantar-se num ponto distinto da cidade, quando comparadas com as anteriores. Em época cristã o cenário transforma-se substancialmente, com os espaços destinados aos mortos a acompanhar a evolução da rede paroquial medieval da cidade.

Apesar do claro desequilíbrio entre o número de vestígios inventariados por grupos cronológicos, espera-se que o aumento da atividade arqueológica que se verifica no concelho, bem como, o estudo de antigas escavações e de materiais que se encontram em depósito venham, num futuro próximo, contribuir para o preenchimento de lacunas no conhecimento sobre a paisagem funerária tardo-romana e medieval e, atendendo à separação do mundo dos mortos, do mundo dos vivos, para uma melhor leitura do urbanismo da cidade.

Referências bibliográficas

- Alves-Cardoso, F.; Casimiro, S.; Garcia, S.; Antunes-Ferreira, N.; Lourenço, M.; Granja, R.; Duarte, C.; Gonçalves, D. 2021. Os Olisiponenses. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária de Felicitas Iulia Olisipo. Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio: 172–179.
- Barceló, C. 2013. Lisboa y Almanzor. *Conimbriga: Revista de Arqueologia*, 52: 165–194.
- Barroca, M. 2000. *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. II. Corpus Epigráfico Medieval Português. Tomo I. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Boaventura, I. 2016. *Que histórias têm para contar os 70 cadáveres encontrados junto à Sé de Lisboa?* [Online]. [Portugal], Público. [Consultado em 20-02-2022]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/10/31/local/noticia/que-historias-tem-para-continuar-os-70-cadaveres-encontrados-junto-a-se-de-lisboa-1749229>.
- Brazuna, S.; Antunes-Ferreira, N. 2008. A igreja Medieval de São Martinho. Resultados preliminares de uma intervenção arqueológica de salvamento. *Revista Era Arqueologia*, 8: 51–69.
- Bugalhão, J. 2009. Lisboa islâmica: uma realidade em construção. *Xelb 9. Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve: O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos (23-25 outubro 2008)*. Silves, Câmara Municipal de Silves: 377–391.
- Bugalhão, J. 2001. *A indústria romana de transformação e conserve de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Trabalhos de Arqueologia, 15. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. 2013. Uma necrópole na praia. O cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16: 243–275.
- Bugalhão, J.; Folgado, D. 2001. O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*, 7: 111–146.
- Cabaço, N.; Calvo, E.; Lourenço, M.; Casimiro, S.; Alves-Cardoso, F.; Silva, R. B. 2021. Rua das Portas de Santo Antão. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol.7*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio: 70–73.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. 2018. Uma mesquita no Arrabalde Ocidental de al-Úsbûna. In: Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S. (eds.). *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Câmara Municipal Castelo de Vide: 521–536.

- CAL. 2020. *Ficha de Sítio/Achado/Equipamento: Calçada Cruz da Pedra*. [Online]. [Portugal], Lisboa Romana [Consultado em 20-02-2022]. Disponível em: <https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/55---lisboa-romana-calcada-da-cruz-da-pedra.pdf>
- Calado, M.; Leitão, V. 2005. A ocupação islâmica na encosta de Sant'Ana (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8(2): 459–470.
- Campos, M. J. 1904. Nova lápide funerária de Olisipo. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série (Volume IX): 59–60.
- Cardoso, G. 2019. Sepultura Tardo-Romana do Casal da Espinheira. *Al-madan*, 22(2): 7.
- Casimiro, S.; Krus, A.; Bargão, A. 2021a. Fragmentos de um quotidiano rural no termo de Lisboa: rua do Lumiar nos séculos XIII–XVI. *Jornadas Internacionais da Idade Média, 7-9 outubro*. Castelo de Vide, Instituto Estudos Medievais, FCSH-NOVA, Câmara Municipal Castelo de Vide.
- Casimiro, S.; Manso, C.; Neto, N.; Reis, J. Oliveira, J. M.; Alves-Cardoso, F. 2021b. Núcleos ocidentais III – rua da Prata: evidências fúnebres da Antiguidade Tardia. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 121.
- Casimiro, S.; Oliveira, J. M.; Manso, C.; Silva, R. B.; Seabra, A. 2021c. Núcleos ocidentais II - rua de São Nicolau e Corpus Christi: discretas evidências da Antiguidade Tardia. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 120.
- Casimiro, S.; Prata, S.; Silva, R. B. 2016. Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In: Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G. (eds.). *Lisboa Medieval: gentes, espaços e poderes*. Coleção Estudos 15. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais: 37–55.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. 2013. Enterramentos Infantis Tardo-Antigos na rua de S. Nicolau (Lisboa). In: Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds.). *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses - Arqueologia em Portugal: 150 anos, 20-24 Novembro 2013*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 859–863.
- Castilho, J. 1936. *Lisboa antiga. Bairros Orientais*. 2ª Edição: V. Lisboa, Industriais da Câmara Municipal de Lisboa.
- Castilho, J. 1935. *Lisboa antiga. Bairros Orientais*. 2ª Edição: I. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Coelho, A. B. 1994. O domínio germânico e muçulmano. In: Moita, I. (ed.). *O livro de Lisboa*. Lisboa, Livros Horizonte: 75–88.
- Cunha, A. S.; Ferreira, F. E. R. 1998. *Vida e morte na época de D. Afonso Henriques*. Lisboa, Hugin Editores.
- Diogo, A. D. 1993. *Relatório da intervenção arqueológica efectuada na rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel*. Lisboa, IPPAR.
- Duarte, C.; Costa, C.; Gonçalves, G.; Angelucci, D.; Muralha, J.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Antunes-Ferreira, N.; Botelho, P.; Leitão, V. 2021. Encosta de Sant'Ana: os espaços sepulcrais. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 85–99.
- Farelo, M. 2006. O direito de padroado na Lisboa Medieval. *Promontoria*, 4: 267–289.

- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. 2014. Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17: 225–243.
- Fernandes, P. A. 2020. O fim de um tempo: o princípio de outro. Felicitas Iulia Olisipo entre romanos, bárbaros e cristãos. In: Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, M. (eds.). *O território e a memória. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa, Caleidoscópio: 141–155.
- Fernandes, P. A.; Fernandes, L. 2021. Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In: Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (eds.). *A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio: 215–245.
- Fernandes, P.; Neto, N. 2021. Rua de Santa Marta, n.º 32-34: uma estrutura funerária romana. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio: 85–100.
- Ferreira, F. R. E. R. 1983. Escavações do ossário de S. Vicente de Fora - seu relacionamento com a história de Lisboa. *Lisboa - Revista Municipal*, 2ª Série (4): 5–36.
- Filipe, V.; Neto, N.; Henriques, J. P.; Brito, S.; Toso, A.; Casimiro, S.; Granja, R.; Inocêncio, J.; Ferro, S. 2020. Espaços de uma cidade: novos dados sobre a necrópole islâmica de Lisboa Oriental. *Comunicação apresentada nas Jornadas Internacionais: Terra, Pedras e Cacos do Garb Al-Andalus*, 23-25 janeiro. Palmela.
- Filipe, V.; Santos, R. 2017. As termas romanas às portas de Alfama. In: Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B. (eds.). *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26-28 novembro 2015)*. Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa, Departamento Património Cultural, Direção Municipal Cultura, Câmara Municipal: 246–253.
- Filipe, V.; Toso, A.; Inocêncio, J. 2017. Perspectivas arqueobiológicas sobre a necrópole Islâmica de Alfama. In: Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B. (eds.). *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26-28 de nov. 2015)*. Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa, Departamento Património Cultural, Direção Municipal da Cultura, Câmara Municipal: 339–347.
- Filipe, V.; Calado, M.; Guerra, S.; Valongo, A.; Leónidas, J.; Ramos, R.; Rocha, M.; Costa, J. 2015. A cerâmica de importação no arrabalde ocidental de Luxbuna (Lisboa). Dados preliminares da intervenção realizada no Hotel de Santa Justa. In: Gonçalves, M. J.; Gómez-Martínez, S. (eds.). *Actas do X Congresso de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Silves/Mértola, 22-27 outubro 2012*. Silves, Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola: 711–718.
- Filipe, V.; Calado, M.; Figueiredo, M. 2013. Intervenção arqueológica na rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa) do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares Victor. *Al Madan*, 2ª Série, 17(2): 6–12.
- Gaspar, A.; Gomes, A. 2016. Ocupação Medieval na Sé de Lisboa. In: Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G. (eds.). *Lisboa Medieval: gentes, espaços e poderes. Coleção Estudos 15*. Lisboa, Instituto Estudos Medievais: 113–128.
- Gaspar, A.; Gomes, A. 2001. Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de S. Jorge. In: Amaro, C.; Macias, S.

- (eds.). *Actas do Colóquio "Lisboa, encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos": 850º aniversário da reconquista de Lisboa*. Lisboa, Afrontamento: 95–102.
- Gaspar, A.; Gomes, A. 1997. *Relatório das escavações arqueológicas do Espírito Santo II*. Lisboa, Direcção Geral do Património Cultural.
- Gomes, A.; Gaspar, A. 2013. O castelo de S. Jorge na transição do mundo islâmico para o cristão. In: Fernandes, I. C. F. (ed.). *Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb (Séc. VI-XVI)*. Lisboa, Edições Colibri e Campo Arqueológico de Mértola: 404.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Valongo, A.; Pinto, P.; Mendes, H.; Ribeiro, S.; Guerra, S. 2003. Castelo de São Jorge: balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património – Estudos*, 4: 214–223.
- Gomes, A.; Sequeira, M. J. 2001. Continuidades e descontinuidades na arquitetura doméstica do período após a conquista da cidade de Lisboa: escavações arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. In: Amaro, C.; Macias, S. (eds.). *Actas do Colóquio "Lisboa, encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos": 850º aniversário da reconquista de Lisboa*. Lisboa, Afrontamento: 103–110.
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A. M.; Angelucci, D. E. 2010. The Roman cremation burials of encosta de Sant'Ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10: 125–144.
- Loja, S.; Ferreira, M.; Banitz, R.; Casimiro, S.; Silva, R. B.; Alves-Cardoso, F. 2018. Fazer sentido de ossos humanos dispersos através da paleopatologia. Um estudo de caso de cronologia romana identificado na Tapada da Ajuda, Lisboa. *VI Jornadas de Paleopatologia, Departamento de Ciências da Vida, Universidade Coimbra*. Dezembro: 13–14 [Consultado em 20-02-2022]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329628968_FAZER_SENTIDO_DE_OSSOS_HUMANOS_DISPERSOS_ATRAVES_DA_PALEOPATOLOGIA_Um_estudo_de_caso_de_cronologia_romana_identificado_na_Tapada_da_Ajuda_Lisboa_Portugal_Alteracoes_na_coluna_vertebral.
- Mattoso, J. 1997. A época Sueva e Visigótica. In: Mattoso, J. (ed.). *História de Portugal. Primeiro volume. Antes de Portugal*. Lisboa, Editorial Estampa: 275–322.
- Moita, I. 1968. Achados da época romana no subsolo de Lisboa. *Revista Municipal de Lisboa*, 29(116-117): 33–71.
- Nascimento, A. A. 2018. *A conquista de Lisboa aos Mouros (De Expugnatione Lyxbonensi)*. *Relato de um Cruzado*. 3ª ed. Lisboa, Vega.
- Nozes, C. 2019. Ficha de sítio/ Achado/ Equipamento: Poço de Cortes. [Online]. [Portugal], Lisboa Romana [Consultado em 20-02-2022]. Disponível em: <https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/50---lisboa-romana-word-tmpl1-poco-de-cortes.pdf>
- Nunes, M. 2010. *A morte em Lisboa na Idade Média – contributo arqueológico (séculos XII a XV)*. Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Peça, P.; Bolila, C.; Granja, R.; Rebelo, P. 2021. Calçada do Lavra: testemunho da variabilidade de rituais funerários em época romana. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol.7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 75–84.

- Pereira, F. A. 1924. Antiquitus XXVI. A necrópole de Lisboa e a via militar. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série (Volume XXVI): 183–186.
- Pinheiro, H.; Neto, N. 2019. *Ficha de sítio/ Achado/ Equipamento: Rua da Rosa 51–57/ Rua Luz Soriano 44/52*. [Online]. [Portugal], Lisboa Romana [Consultado em 20-02-2022]. Disponível em: <https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/92---rr51-rua-darosa-2.pdf>
- Pires, H. 2017. *Os vikings em Portugal e na Gália. As incursões nórdicas Medievais no Ocidente Ibérico*. Sintra, Zéfiro.
- Rebelo, P.; Brito, S. 2019. *Ficha de sítio/ Achado/ Equipamento – Lisboa – Palácio Conde Barão de Alvito-Largo Conde Barão 43-47*. [Online]. [Portugal], Lisboa Romana [Consultado em 20-02-2022]. Disponível em: <https://api.lisboaromana.pt/storage/uploads/media/84---lcb-largocondebaroaalvito-2.pdf>
- Sarrazola, A. 2014. Rua do Passadiço 26: Olisipo e o seu termo. *Estudos Lisboa*, 3: 28–33.
- Silva, A. V. 1944a. *Epigrafia de Olisipo: subsídios para a história da Lisboa Romana*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. 1944b. Uma estação lusitano-romana no sítio de Poço de Cortes. *Revista Municipal*, 20 e 21: 37–41.
- Silva, M. F. 2017. *Mutação urbana na Lisboa Medieval. Das Taifas a D. Dinis*. Tese de Doutoramento em História Medieval, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Silva, R. B. 2021a. Espaços funerários: de Felicitas Iulia Olisipo a Olisipona. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 24–31.
- Silva, R. B. 2021b. Calçada do Garcia e Largo de S. Domingos. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 66–69.
- Silva, R. B. 2021c. Núcleos Ocidentais I: Palácio dos Condes de Penafiel. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 116–119.
- Silva, R. B. 2021d. Alfama. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 123–125.
- Silva, R. B. 2012. Arqueologia viária Romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. *Cira-Arqueologia 1*. In: *Actas da Mesa Redonda «de Olisipo a Scallabis». A rede viária romana no Vale do Tejo, Vila Franca Xira, 2010*. Vila Franca Xira, Museu Municipal 1: 74–87.
- Silva, R. B. 2009. A ocupação do período da dominação islâmica na Praça da Figueira (Lisboa). In: *Actas do Congresso Afonso I de Portugal, nos 900 anos do seu nascimento*. Lisboa, Amigos de Lisboa, Lisboa: 136–147.
- Silva, R. B. 2005. “*Marcas de oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C.-séc. II d.C.). Dissertação Mestrado em Arqueologia, Instituto Ciências Sociais, Universidade Minho.
- Silva, R. B. 1999. O urbanismo de Olisipo: a zona ribeirinha. In: *II Colóquio Temático. Lisboa Ribeirinha. Actas das Sessões*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 43–67.
- Silva, R. B.; Casimiro, S.; Antunes-Ferreira, N.; Lourenço, M.; Granja, R.; Garcia, S.; Duarte, C.; Alves-Cardoso, F. 2021. Práticas e rituais funerários em Olisipo entre os séculos I e VI

- d. C. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 130–141.
- Silva, R. B.; De Man, A. 2015. Palácio dos Condes de Penafiel. A significant late antique context from Lisbon. In: Gonçalves, M. J.; Gómez-Martínez, S. (eds.). *Actas do X Congresso Internacional. A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Mértola e Silves*, Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola: 397–402.
- Torres, C. 1995. Lisboa muçulmana. Um espaço urbano e o seu território. In: Jorge, V. O. M. (ed.). *Actas VII - 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (12-18 outubro 1993)*. Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia: 427–434.
- Toso, A.; Schifano, S.; Oxborough, C.; McGrath, K.; Spindler, L.; Castro, A.; Evangelista, L.; Filipe, V.; Gonçalves, M. J.; Marques, A.; Mendes, I. M.; Santos, R.; Valente, M. J.; McCleery, I.; Alexander, M. 2021. Beyond faith: biomolecular evidence for changing urban economies in multi-faith medieval Portugal. *American Journal of Physical Anthropology*, 176(2): 1–15.
- Toso, A.; Gaspar, S.; Banha, R. B.; Garcia, S. J.; Alexander, M. 2019. High status diet and health in Medieval Lisbon: a combined isotopic and osteological analysis of the Islamic population from São Jorge Castle, Portugal. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 11(8): 3699–3716.
- Trindade, L. 2019. A reconquista e a cristianização da paisagem urbana portuguesa. In: Ayala Martínez, C.; Fernandes, I. C. F.; Palacios Ontalva, J. S. (eds.). *La reconquista, ideología y justificación de la guerra santa peninsular*. Madrid, Ediciones de La Ergástula: 141–162.
- Vasconcelos, J. L. 1902. Archeologia Lusitanò-romana. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série (Volume VII): 241–248.
- Vasconcelos, J. L. 1900. Analecta epigráfica lusitano-romana. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série (Volume V): 170–175.
- Vasconcelos, J. L. 1896. Duas lápides funerárias de Olisipo. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série (Volume II): 166–167.
- Vieira, V. N.; Neto, N.; Casimiro, S.; Frazão, V.; Santos, R. 2021. Rua do Paraíso. Os monumentos funerários: um columbarium de Olisipo. In: Silva, R. B. (ed.). *Para além desta vida: a memória funerária da cidade. Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo Vol. 7*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, Caleidoscópio: 126–139.